

UMA PERSPECTIVA CRISTÃ SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Valdeci da Silva Santos*

RESUMO

Dentre os muitos desafios morais que a igreja cristã deve lidar no início do século 21, o tema da homossexualidade tem exigido urgência na resposta. Representantes do homossexualismo têm não apenas advogado por uma tolerância social, mas também por uma completa aprovação de seu comportamento. Alguns têm se debruçado em reinterpretar a Escritura, queixando-se da polarização cultural da parte dos escritores bíblicos.

A igreja evangélica deve sustentar uma postura corajosa, inteligente e bíblica com relação a esse assunto moral de extrema importância.

Este artigo pretende fornecer uma reflexão cristã acerca da homossexualidade, considerando sua complexidade inerente e o ensino bíblico da *imago Dei*. O autor analisa alguns aspectos da hermenêutica homossexual e observa que essa abordagem interpretativa está calcada no subjetivismo, cientificismo e arbitrariedade. Ao examinar algumas passagens bíblicas, em geral relacionadas com o homossexualismo, o autor conclui que esse comportamento deve ser reconhecido como Deus o define, ou seja, como um comportamento pecaminoso.

O artigo também trata da responsabilidade da igreja cristã diante de uma cultura permissiva. De acordo com a Escritura, é crucial que a igreja recupere sua integridade moral e sua visão missionária. A igreja deve ainda empenhar-se para desenvolver programas e estratégias, a fim de fortalecer os laços da família e proclamar as boas-novas de salvação ao perdido.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia; Homossexualismo; Família; Cultura; Visão missionária.

* O autor é ministro presbiteriano com mestrado em Teologia Sistemática (Th.M.) e doutorado em Estudos Interculturais (Ph.D.) pelo Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississipi, Estados Unidos. É pastor da Igreja Evangélica Suiça de São Paulo e professor de teologia sistemática e teologia prática no CPAJ.

INTRODUÇÃO

O homossexualismo é comumente definido como o comportamento que se caracteriza pelo interesse sexual exclusivo ou dominante por pessoas do mesmo sexo (em grego *homos* = o mesmo, do mesmo, com o mesmo). Recebe essa definição em contraposição ao heterossexualismo ou ao interesse sexual por pessoas do sexo oposto. Todavia, um estudo mais acurado concluirá que muitos homossexuais são bissexuais ativos, ou seja, mantêm ao mesmo tempo relacionamentos hétero e homossexuais.¹ Nas últimas décadas tornou-se comum o uso do termo *gay* para designar homens e mulheres homossexuais. Historicamente, porém, o homossexualismo feminino é designado *lesbianismo*, palavra derivada de Lesbos, ilha grega onde a poetisa Safo escreveu diversas poesias de cunho homossexual. Safo dirigia uma escola de poesia e música em Lesbos, tendo sido muito criticada devido às relações que mantinha com suas alunas. Isso teve tanta repercussão na história que deu origem aos termos safismo e lesbianismo, com todos os seus derivados.² O homossexualismo masculino é denominado *pederastia*, em referência à relação sexual entre um homem mais velho, o *erastes*, e um rapaz, o *erômenos*, na Grécia Antiga. Entretanto, a publicação recente das pesquisas minuciosas de Kenneth J. Dover sobre a antiga prática grega denuncia o equívoco de se identificar a pederastia com a moderna relação homossexual. Segundo Dover, a pederastia grega era draconianamente regulada em seu exercício. Tal relação proibia os contatos físicos entre homens adultos, coito anal e manifestações apaixonadas entre parceiros, o que faria com que as práticas homossexuais do mundo atual fossem interpretadas como “perversões” na Grécia Antiga.³

As conquistas do movimento homossexual são notórias na mídia, na literatura e na sociedade de modo geral. Ampliando casos específicos de meados do século 21, quando as publicações de Alfred Kinsey “desengavetaram” os assuntos relacionados à sexualidade humana,⁴ hoje, um

¹ BERGLER, Edmund. *Homosexuality: disease or way of life?* Nova York: Hill and Wang, 1957; CASTILHO, Lísias N. *Homossexualidade*. São Paulo: ABU, 1989; SEVERO, Júlio. *O movimento homossexual*. Venda Nova, MG: Betânia, 1998; e DRAKEFORD, John W. *A Christian view of homosexuality*. Nashville, TN: Broadman Press, 1977. Além do mais, deve-se ressaltar que o termo “travesti” nem sempre se aplica ao homossexual ativo, mas inclui também aqueles heterossexuais que obtêm prazer no fato de usarem roupas do sexo oposto.

² Ver NAVARRO-SWAIN, Tânia. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

³ Ver DOVER, Kenneth J. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

⁴ KINSEY, Alfred C. et al. *Sexual behavior in the human male*. Filadélfia: W. B. Saunders, 1948, e *Sexual behavior in the human female*. Filadélfia: W. B. Saunders, 1953.

número cada vez maior de pessoas faz questão de “sair do armário” (jargão *gay* que designa a atitude de alguém em assumir sua preferência homossexual).⁵ Atualmente parece haver um consenso de que a única postura social a ser reprovada nesta matéria é a desaprovação do homossexualismo. Convive-se não apenas com um clamor pela tolerância, como também pela aprovação do comportamento homossexual.⁶

Diante disso, o tema homossexualidade continua a desafiar a igreja evangélica a elucidar sua posição teológico-ética sobre o assunto, bem como a aperfeiçoar sua prática missiológica.⁷ Defensores do movimento homossexual recorrem a diversos argumentos teológicos e abordagens interpretativas, na tentativa de legitimar o homossexualismo à luz da Bíblia.⁸ A reação dos apologetas da posição tradicional cristã quanto ao assunto tem sido diversificada e, em alguns casos, confusa.⁹ São relativamente poucos os que conclamam a igreja à sua responsabilidade evangelística em relação aos homossexuais.¹⁰ O propósito deste artigo é analisar alguns aspectos da hermenêutica pró-homossexual, apresentar uma versão sucinta do ensino bíblico sobre o assunto e apontar algumas implicações desse fenômeno crescente.

⁵ “Em apenas 50 anos os homossexuais saíram do aparente anonimato para o *status* de defensores dos direitos humanos”. SANTORIN, João L.; VIULA, Sergio; SEVERO, Júlio. *A teologia gay: intimidade entre iguais desafia a igreja no Brasil. Defesa da Fé*, p. 47, maio 2000.

⁶ PERRY, Troy. *The Lord is my shepherd and he knows I'm gay*. Tennessee: Nash Publishing, 1972; NAVES, Ana Paula; FERNANDES, Carlos; STEFANO, Marcos. O arco-íris e a cruz. *Eclésia* 68: 35-43. A Assembléia Legislativa de São Paulo aprovou o projeto de Lei nº 667/2001 em 09.10.2001, que garante punição contra manifestações atentatórias ou discriminatórias praticadas contra qualquer cidadão homossexual, bissexual ou transexual.

⁷ No presente artigo, o autor utiliza os termos “homossexualidade” e “homossexualismo” indistintamente.

⁸ PERRY, Troy. *Don't be afraid anymore*. Nova York: St. Martins Press, 1990; WHITE, Mel. *Stranger at the gate*. Nova York: Simon and Schuster, 1994; SCROOGS, Robin. *The New Testament and homosexuality*. Filadélfia: Fortress Press, 1983, e KIRK, Marshall; MADSEN, Hunter. *After the ball: how America will conquer its fear of gays in the 90s*. Nova York: Doubleday, 1989.

⁹ DALLAS, Joe. *A operação do erro*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998; PINTO, Carlos Oswaldo; SAYÃO, Luiz Alberto T. A questão do homossexualismo. *Vox Scripturae*, p. 43-70, mar. 1995; DRAKEFORD. *A Christian view of homosexuality*; BERGLER. *Homosexuality: disease or way of life?*; COMISKEY, Andrew. *Pursuing sexual wholeness*. Lake Mary: Creation House, 1989; CASTILHO. *Homossexualismo*; STOTT, John R. W. *Grandes questões sobre sexo*. Niterói: Vinde, 1993, e NAVES, FERNANDES e STEFANO. O arco-íris e a cruz.

¹⁰ DALLAS, Joe. *Desires in conflict*. Eugene: Harvest House, 1991; HOWARD, Jeanette. *Out of Egypt*. Tunbridge Wells, Inglaterra: Monarch, 1991; DAVIS, Bob; RENTZEL, Lori. *Deixando o homossexualismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1993; também existem várias publicações do Moses: Movimento pela Sexualidade Sadia, disponível em: <www.webspace.com.br>.

I – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Um dos equívocos mais comuns cometidos em relação ao homossexualismo é o da generalização ou da fixação em um estereótipo homossexual. Movidos por essa perspectiva, muitos tratam os homossexuais como se todos eles fossem iguais, tivessem as mesmas profissões, interesses, educação, estilo de vida, personalidade e aparência física. Além de ser simplista, essa concepção soma-se a um tratamento jocoso que ofende a humanidade do homossexual, alimenta a ignorância quanto à perspectiva bíblica sobre o homossexualismo e, ao mesmo tempo, mantém a indiferença da igreja em relação a este grupo. Procurando evitar esses erros, consideremos primeiramente algumas pressuposições cristãs básicas, bem como alguns aspectos da complexidade de um estudo dessa natureza.

I.1 – PRESSUPOSIÇÕES BÁSICAS

Uma análise genuinamente cristã da homossexualidade deve orientar-se, no mínimo, por cinco pressuposições bíblicas. Em primeiro lugar, ainda que se aceite o ensino bíblico contrário às práticas homossexuais, não se devem desumanizar as pessoas envolvidas, estigmatizando-as como se fossem menos que seres humanos. Os homossexuais são, como bem colocou J. R. W. Stott, “apenas pessoas humanas feitas à imagem e semelhança de Deus, ainda que caídas, com toda a glória e tragédia que este paradoxo possa implicar”.¹¹ Todos foram criados à imagem de Deus. Ainda que essa imagem tenha sido desfigurada pelo pecado, ninguém deixa de possuí-la.

Em segundo lugar, a atitude dos cristãos ao examinarem o homossexualismo deve ser a de pecadores redimidos pela graça de Deus e não a de fariseus que não admitem lutas contra qualquer forma de tentação sexual. Nesse sentido, deve-se ainda considerar que todos foram afetados pela queda, e o homossexualismo não é o único desvio pecaminoso que envolve a sexualidade humana. Deve haver distinção entre as transgressões sexuais, como o adultério, a fornicação, a prostituição e o sexo solitário, e as distorções sexuais, como o homossexualismo, a bestialidade, o incesto, a necrofilia e outros.¹² É mister, porém, deixar claro que o homossexualismo procede do mesmo coração que gera ganância, inveja, desentendimento, desobediência aos pais e difamação (Rm 1.29-32). A doutrina bíblica da queda assegura que os filhos de Adão foram integralmente afetados pelo pecado, inclusive na área sexual.

¹¹ STOTT. *Grandes questões sobre o sexo*, p. 159.

¹² Ao contrário de outras formas de transgressão sexual, o homossexualismo é também uma distorção, pois ele é “contrário à natureza” (Rm 1.26).

Em terceiro lugar, deve-se lembrar que a redenção efetuada pelo Deus gracioso tem em vista a restauração integral do ser humano, inclusive os aspectos distorcidos de sua sexualidade. A Bíblia ensina que a sexualidade é um dom de Deus, que deve, após a queda, ser redimido para cumprir o propósito divino.¹³ E, finalmente, os cristãos devem considerar que a fonte suprema de autoridade é a revelação de Deus como registrada nas Escrituras Sagradas. Logo, a compreensão e cosmovisão cristãs da sexualidade devem estar solidamente embasadas na Bíblia.

I.II – A COMPLEXIDADE DO TEMA

Com relação à complexidade do assunto, além da questão conceitual abordada, é preciso considerar o tópico da identidade do homossexual, ou seja, quem realmente ele é. A partir de seus estudos, Kinsey classificou como homossexuais aqueles que têm, ou tiveram em seu passado, qualquer interesse ou contato sexual com pessoas do mesmo sexo.¹⁴ Tal assertiva, porém, não parece adequada, pois desconsidera o fato de que o grau de interesse ou o tipo de comportamento homossexual varia grandemente, indo desde práticas ocasionais até a rejeição da masculinidade física por meio de cirurgia para mudança de sexo ou alterações estéticas no corpo, no caso do homossexualismo masculino. Como disse John W. Drakeford, “a homossexualidade envolve um tipo de comportamento sexual; mas tal comportamento conduz a um completo estilo de vida com uma mística própria”.¹⁵

As Escrituras reconhecem certos aspectos da heterogeneidade quanto à prática homossexual. Por exemplo, Paulo distingue claramente entre o homossexualismo masculino e o feminino em Romanos 1.26-27. As Escrituras fazem uma referência geral aos homossexuais como “sodomitas” (Gn 19.4-8; também Dt 23.18; 1 Co 6.9; 1 Tm 1.10). De modo específico, o apóstolo Paulo refere-se à dualidade de papéis envolvidos em uma relação homossexual. Em 1 Coríntios 6.9-10, Paulo distingue entre os “efeminados” e “sodomitas”. Para o primeiro grupo, ele usa a palavra *malakoi*, traduzida para o português como “efeminados”, cujo significado literal é “macio ao trato”.¹⁶ Na cultura grega, a palavra *malakoi* era usada para descrever aqueles que assumiam o papel passivo no ato homossexual. Ao referir-se aos “sodomitas”, Paulo usa a palavra *arsenokoitai*, que é um

¹³ FEUCHT, Oscar E. (Org.). *Sex and the church*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1961. p. 213-236; PIPER, Oto A. *The Christian interpretation of sex*. New York: Charles Scribner’s Sons, 1949.

¹⁴ KINSEY. *Sexual behavior in the human female*, p. 470.

¹⁵ DRAKEFORD. *A Christian view of homosexuality*, p. 37.

¹⁶ BAUER, Walter. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1979. p. 488.

termo composto de *arsen*, ou seja, “macho”, e *koitai*, que significa cama ou coito no leito. Os *arsenokoitai* seriam aqueles que assumiam o papel ativo no ato homossexual. Entretanto, depois de vários estudos, sabe-se que as pessoas envolvidas podem assumir tanto o papel passivo quanto o ativo,¹⁷ mas é significativo perceber que a Bíblia constata tal complexidade.

É seguro também afirmar que as Escrituras atentam para a complexidade existente nos níveis de envolvimento no homossexualismo. Há alguns cujo comportamento homossexual atinge o nível da dependência (Rm 1.26-27). Há outros cujo envolvimento subsiste apenas na lembrança de uma experiência passada. Outros ainda, uma vez alcançados pela graça e o poder transformador do evangelho, entenderam a pecaminosidade de tais experiências passadas, arrependeram-se e experimentaram uma verdadeira mudança (1 Co 6.10). A partir de uma analogia com o ensino bíblico sobre o pecado, podem-se também mencionar aqueles que possuem os desejos homossexuais e que são tentados nessa área, mas, uma vez fortalecidos pela graça de Deus, procuram mortificar tais desejos e resistem às obras da carne (Cl 3.5-11; Gl 5.19-21).¹⁸ Há, além disso, o caso daqueles cujo envolvimento com o homossexualismo consiste apenas na aflição gerada pelo procedimento libertino de familiares ou amigos próximos (2 Pe 2.6-8). De qualquer forma, a Bíblia ensina que aqueles que se entregam deliberadamente ao pecado do homossexualismo o fazem movidos por uma rejeição consciente da verdade e da graça de Deus (Rm 1.26 e 28).

A compreensão da complexidade dos níveis de envolvimento homossexual é vital para o exercício da compaixão, especialmente em relação àqueles que tomaram o difícil caminho do retorno. Nesse sentido, é contundente a tese de que “homossexuais podem mudar. Alguns mudam completamente, outros significativamente, outros mais em suas condutas do que em seus impulsos interiores”.¹⁹ Dependendo de quanto a relação homossexual ficou arraigada, uma pessoa pode passar anos, talvez a vida inteira, lutando contra tentações homossexuais. No desempenho de seu papel missionário e cuidado pastoral, a igreja precisa ter em mente que a libertação é gradual.

Há também dificuldades ao analisar as variadas explicações relacionadas com as raízes do homossexualismo. Em termos gerais, as teorias que apresentam explicações para a origem do homossexualismo com base na natureza tentam provar que ele é inato, imutável e normal e, dessa for-

¹⁷ SUPPLICY, Marta. *Conversando sobre sexo*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 272-274.

¹⁸ As palavras “prostituição” e “impureza” aqui possuem conotações mais amplas do que apenas as práticas pecaminosas dos heterossexuais.

¹⁹ DALLAS. *A operação do erro*, p. 175.

ma, deve ser aceito em pé de igualdade com o heterossexualismo. Para garantir essa agenda, adotam os mais recentes desdobramentos da teoria do *determinismo biológico*, ou seja, a afirmação de que os homossexuais simplesmente nasceram assim e que sua orientação sexual não pode ser alterada. Logo, o mínimo que se espera da sociedade é a aceitação de tal comportamento, bem como a legalização dos relacionamentos homossexuais. Além dos estudos de Alfred Kinsey, essa teoria tem buscado apoio nos ensinamentos de Simon LeVay, com seu argumento de que a homossexualidade resulta de alterações dos neurônios da estrutura do hipotálamo no cérebro.²⁰ Outro apoio para o determinismo biológico é encontrado na proposição de Dean Hamer de que o homossexualismo é causado pela falta do cromossomo X nos homossexuais masculinos.²¹

A explicação da origem da homossexualidade à luz de teorias que esposam o determinismo biológico tem seduzido até mesmo autores evangélicos renomados, como Tony Campolo²² e Philip Yancey.²³ A avaliação técnica dessas teorias, porém, aponta para três deficiências básicas: (1) falhas nas hipóteses, (2) carência de comprovação científica e (3) parcialidade dos pesquisadores, uma vez que eles estavam comprometidos com a defesa do homossexualismo.²⁴ Ainda no campo da deficiência comprobatória, uma hipótese legítima é a de que as possíveis diferenças encontradas entre os pesquisados tenham sido *resultado* do homossexualismo e não a sua *causa*.²⁵

Uma explicação das origens do homossexualismo sustentada até anos recentes, mas atualmente rejeitada inclusive pelos próprios homossexuais, é a do *distúrbio mental*, mediante a qual o homossexualismo seria visto como uma doença.²⁶ Essa teoria não agrada aos homossexuais porque os limita no campo das realizações humanas e profissionais. Em con-

²⁰ LEVAY, Simon. A diferença da estrutura do hipotálamo entre homens heterossexuais e homossexuais. *Science*, p. 1034-1037, 30 ago. 1991.

²¹ HAMER, Dean. O vínculo entre identificadores de DNA no cromossomo X e a orientação sexual masculina. *Science*, 261:321-327, 16 jul. 1993.

²² CAMPOLO, Anthony. A Christian sociologist looks at homosexuality. *The Wittenburg Door*, p. 16-17, out.-nov. 1977.

²³ DALLAS. *A operação do erro*, p. 22.

²⁴ ANKERBERG, John. O mito de que o homossexualismo é devido a causas biológicas ou genéticas. Chattanooga, TN, panfleto. Ver, também, ANKERBERG e WELDON. *Os fatos sobre a homossexualidade*. Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, 1997. p. 22-33; DALLAS, Joe. Nascido homossexual? *Christianity Today*, p. 22, 22 jun. 1992, e *A operação do erro*, p. 115-140.

²⁵ WELCH, Edward T. Homossexualismo: pensamento atual e diretrizes bíblicas. *Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Seminário Bíblico Palavra da Vida, 1999. p.111.

²⁶ LEWES, Kenneth. *The psychoanalytic theory of male homosexuality*. Nova York: Simon e Schuster, 1988. p. 222. Ver também DALLAS. *A operação do erro*, p. 70.

seqüência disso, em 1973, a Associação Psiquiátrica Americana retirou a homossexualidade da relação de doenças mentais.²⁷

Além das teorias do determinismo biológico e do distúrbio mental, outra teoria utilizada para explicar a origem do homossexualismo é a dos *fatores psicossociais*, mediante os quais “a maneira pela qual uma criança é criada é muito mais importante na determinação da sexualidade do que a genética”.²⁸ Mesmo nos círculos cristãos, a teoria psicossocial é mais aceita do que as explicações biológicas. Todavia, estudiosos da área têm concluído “que a homossexualidade tem diversas e múltiplas raízes, não sendo determinada por uma causa única, como hormônios, genes, pai ausente e mãe dominadora, timidez, etc.”.²⁹ Um dos problemas das teorias determinantes da homossexualidade (biológicas, psicológicas e outras) é a anulação do aspecto volitivo do homossexual, ou seja, sua opção pelo comprometimento com tal orientação sexual.

Com tantas propostas discordantes e diante da ausência de uma comprovação clara, cientistas cuidadosos têm se negado a afirmar que a homossexualidade tem origem biológica ou inata. E essa conclusão provisória é bastante eloqüente: faltam evidências comprobatórias. Dessa forma, há que se manter certa suspeição quanto a qualquer explicação da homossexualidade como sendo determinada por influências meramente externas, não levando em conta as inclinações do coração humano.

Diante da impossibilidade de uma explicação consistente da origem da homossexualidade com base em teorias biológicas, parece mais correto descrever tal fenômeno como uma *preferência adquirida*. Essa preferência pode estar ligada tanto à influência psicossocial quanto à decisão individual de adotar um comportamento contrário à sua própria natureza. Essa abordagem possui mais respaldo bíblico, pois as Escrituras ensinam que o gênero humano é uma raça concebida em pecado e por este afetada física, psicológica e espiritualmente (Sl 51.5, Jo 3.5-6, Rm 5.12, Ef 2.1-2). Também é possível que muitos indivíduos de Sodoma tenham se envolvido com o homossexualismo devido à influência do meio (2 Pe 2.6-8 e Jd 7). A Bíblia também reconhece casos em que pessoas são “entregues” à prática homossexual como condenação divina por seu desprezo da revelação que Deus fez de si mesmo (Rm 1.26-27). Além do mais, essa explicação parece mais harmônica com o testemunho bíblico de que o homossexual, não

²⁷ SUPLICY. *Conversando sobre sexo*, p. 282.

²⁸ HINSIE, Leland E.; CAMPBELL, Robert J. *Psychiatric dictionary*. 4. ed. Nova York: Oxford University Press, 1970. p. 350.

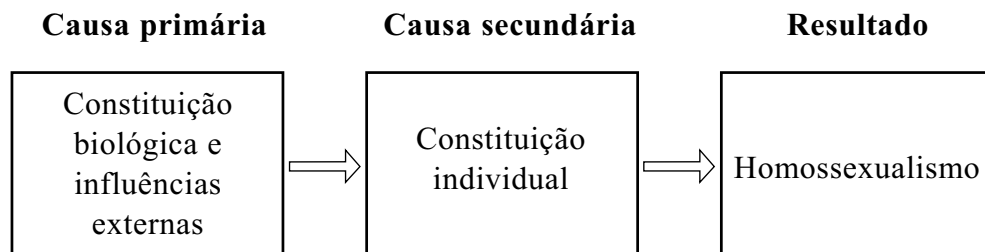
²⁹ SUPLICY. *Conversando sobre sexo*, p. 268. Ver também Rochelle Kliner, Reestudo dos genes dos homossexuais, *Scientific American*, p. 26, nov. 1995, em que a autora afirma: “[...] jamais encontraremos uma causa única para o homossexualismo”.

tendo seu comportamento determinado biologicamente, *pode* ser mudado pelo poder do evangelho (1 Co 6.10).³⁰ O comportamento preferido e aprendido pode ser abandonado e desaprendido.

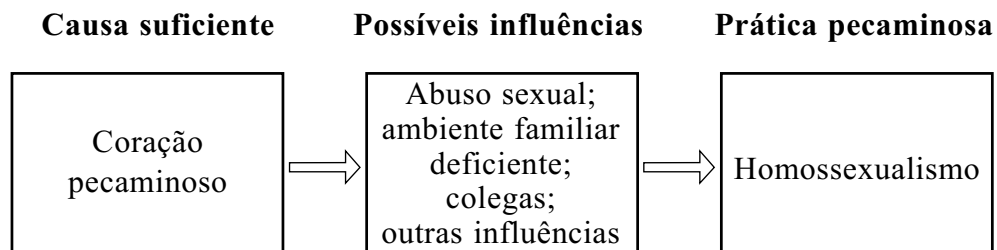
Pode-se ainda traçar um paralelo entre as raízes do homossexualismo e o que as Escrituras ensinam sobre a natureza e o desenvolvimento de qualquer comportamento pecaminoso. Segundo a Bíblia, pecado é uma desobediência e rebeldia contra a vontade revelada de Deus (1 Jo 3.4). Uma vez que a pessoa rejeita Deus pela prática do pecado, ela se torna escrava e sua vida fica sujeita à influência e até mesmo à atuação do príncipe da potestade do ar (Jo 8.34 e Ef 2.1-2). A pessoa pode ceder ao pecado por uma tentação externa (Gn 3, 2 Sm 11) ou pelo aflorar de sua cobiça interna (Tg 1.5 e Cl 3.5s.). Isso parece estar em harmonia com a conclusão de que “a prática da homossexualidade é um comportamento adquirido”, seja pela influência do meio, seja pela decisão íntima e individual.³¹

Uma comparação entre as variadas explicações deterministas a respeito da origem do homossexualismo e o ensino das Escrituras sobre o pecado pode ser ilustrada pelos gráficos abaixo:³²

DETERMINISMO BIOLÓGICO



ENSINO BÍBLICO



³⁰ Pesquisadores como Masters e Johnson têm afirmado que a idéia de que o homossexual não pode ser mudado é, certamente, aberta a questionamentos. MASTERS, William V. E. Johnson; KOLODNY, R. C. *Human sexuality*. Boston: Little Brown, 1984. p. 319-320.

³¹ DRAKEFORD. *A Christian view of homosexuality*, p. 48; BERGLER. *Homosexuality: disease or way of life?*, p. 31-38.

³² Adaptação do artigo de Edward T. Welch, *Homossexualismo: pensamento atual e diretrizes bíblicas*, p. 114.

A Bíblia claramente ensina que não é a influência que torna alguém impuro, mas que de dentro do coração pecaminoso do homem é que procedem os maus desígnios e os males que o contaminam (Mc 7.21-23). As influências externas podem até despertar a prática pecaminosa, mas não são sua causa última.

Finalmente, deve-se considerar a complexidade do homossexualismo no que diz respeito às diversas vertentes daqueles que se envolvem em sua prática. Esse aspecto de estereótipo do homossexual, mais do que qualquer outro, pode ser profundamente enganador. Há uma complexidade de orientações entre os homossexuais que vai desde os aspectos culturais e sociais até suas preferências religiosas. Não seria nenhum exagero afirmar que tal complexidade também ocorreu no período bíblico. Quanto ao campo religioso, por exemplo, há indícios da prática homossexual tanto nos círculos pagãos (Rm 1.26-27) como dentro da comunidade israelita (1 Re 15.12 e 2 Re 22.7).³³ A compreensão de tamanha complexidade deveria fazer com que se fosse mais criterioso no julgamento de indivíduos, evitando boatos e conclusões precipitadas. Como alerta Drakeford:

Uma das tragédias de nossos dias ocorre quando alguém nota um homem com características efeminadas ou uma mulher com traços e procedimentos masculinos e passa a veicular o boato de que ele ou ela é *gay*. Essa rotulação é cruel, injusta e não cristã; e a menos que haja evidências de um comportamento homossexual ou uma admissão aberta do mesmo, ninguém tem o direito de fazer tal acusação.³⁴

Além do mais, esse aspecto complexo deveria alertar os cristãos para o fato de que nesse assunto, como em tantas outras áreas, a fronteira evangélica deslocou-se para a vizinhança, especialmente por meio do movimento “*gay cristão*”.³⁵

Uma vez delineadas as considerações preliminares, o próximo passo é analisar a hermenêutica pró-homossexual com sua proposta de releitura dos textos bíblicos que condenam o homossexualismo. Posteriormente, os esforços concentrar-se-ão em uma apresentação sucinta do ensino bíblico sobre o assunto, bem como o esboço de algumas implicações para a igreja cristã.

II – A HERMENÊUTICA DO PRÓ-HOMOSSEXUALISMO

A fim de validar a homossexualidade, tem-se procurado desenvolver uma “Teologia *Gay*”. No Brasil, o antropólogo Luiz Mott, presidente do Grupo *Gay* da Bahia, incorpora vários elementos teológicos às suas argu-

³³ A expressão original para “prostituição-cultural” é sodomia.

³⁴ DRAKEFORD. *A Christian view of homosexuality*, p. 32.

³⁵ DALLAS. *A operação do erro*, p. 11-64.

mentaões.³⁶ Como outras heresias, esse projeto teológico possui alguns elementos de verdade e por isso pode ser, ao mesmo tempo, sedutor e perturbador. Joe Dallas ilustra esse aspecto alertando: “Discutam o cristianismo básico com um membro do Movimento *Gay* Cristão e vocês estarão de acordo em muitos pontos: a divindade de Cristo, a obra de Cristo, a inerrância bíblica, o julgamento final e assim por diante”.³⁷ Somente uma análise mais cuidadosa dessa nova teologia revelará seus desvios e distorções.

A premissa mestra da teologia *gay* é a aceitação do homossexualismo como uma ordenação do próprio Deus, ou seja, um dom divino. Em virtude disso, a homossexualidade deveria ser acatada como moralmente admissível. Exemplos dessa premissa são encontrados nas declarações dos expoentes do movimento nos círculos cristãos. Por exemplo, Mel White, um escritor homossexual, confessa: “Aprendi a aceitar e até a celebrar minha orientação sexual como um dos dons de Deus”.³⁸ Troy Perry, o fundador da Metropolitan Community Church, uma igreja de homossexuais, desabafa: “Como podemos continuar tendo vergonha de algo que Deus criou? Sim, Deus criou os homossexuais e o homossexualismo”.³⁹ A partir dessa concepção, os “teólogos *gays*” propõem uma releitura dos ensinamentos bíblicos referentes ao homossexualismo.

A proposta homossexual de releitura dos textos bíblicos alicerça-se, no mínimo, sobre seis proposições. Primeira, as interpretações bíblicas que condenam a homossexualidade são fruto do preconceito e da intolerância humana contra ela. Algumas interpretações afirmam que a posição cristã tradicional resulta de leituras bíblicas *intencionalmente erradas* para satisfazer preferências pessoais.⁴⁰ Assim, o relacionamento de Davi e Jônatas (1 Sm 18.1-5), bem como o de Rute e de Noemi (Rt 1.15-17), são interpretados pelos teólogos *gays* como homossexuais em sua natureza. Segunda, as passagens que comumente são lidas como condenação do homossexualismo na verdade foram mal traduzidas. Como no caso de outros grupos heréticos, os defensores do homossexualismo propõem não apenas uma releitura, mas também outra tradução de passagens bíblicas. Terceira, os versículos bíblicos que parecem condenar o homossexualismo foram tirados de seu contexto original. De acordo com essa proposição, qualquer leitura que obedece às informações contextuais da hermenêutica pró-homossexual conduzirá à aceitação do homossexualismo como bibli-

³⁶ SANTORIN, VIULA e SEVERO. *A teologia gay: intimidade entre iguais desafia a igreja no Brasil*, p. 47.

³⁷ DALLAS. *A operação do erro*, p. 106.

³⁸ WHITE. *Stranger at the gate*, p. 311.

³⁹ PERRY. *The Lord is my shepherd and he knows I'm gay*, p. 3.

⁴⁰ PERRY. *Don't be afraid anymore*, p. 39.

camente respaldado. A quarta proposição dos “teólogos gays” é que o homossexualismo nunca foi condenado por Jesus. Conforme Troy Perry, Jesus não disse nada sobre o homossexualismo porque ele estava mais interessado no amor.⁴¹ Quinta, o que a Bíblia condena é a prostituição homossexual e não a homossexualidade monogâmica. Segundo essa perspectiva, o relacionamento estável é uma prova de que o amor é verdadeiro e isso legitima qualquer comportamento sexual. E, finalmente, os escritores bíblicos que condenaram a homossexualidade estavam condicionados culturalmente. Aquelas argumentações culturalmente condicionadas não se aplicam ao homossexualismo atual.

A divergência entre o cristianismo e o movimento homossexual, como em qualquer outro campo de ética sexual, é primariamente hermenêutica.⁴² A argumentação teológica *gay* pode ser resumida na alegação de que a Bíblia, se compreendida “adequadamente”, não condena a homossexualidade em si. Todavia, a menos que a hermenêutica utilizada seja séria e consistente, cada intérprete chegará à conclusão que desejar no estudo das Escrituras. Como ressalta Dallas, “é só torcer a Escrituras o suficiente e você pode fazê-la parecer dizer qualquer coisa que *você* queira”.⁴³ A menos que o exercício hermenêutico seja conduzido com seriedade e objetividade, a conclusão será determinada pelas pressuposições.

Uma resposta cristã à abordagem hermenêutica utilizada pelos teólogos do movimento homossexual pode identificar três vertentes: (1) subjetivismo, (2) cientificismo e (3) arbitrariedade. Cada uma delas merecerá tratamento específico.

II.1 – SUBJETIVISMO

Na hermenêutica da teologia *gay*, o significado do texto bíblico é determinado pelo leitor. Com isso, a experiência pessoal torna-se o teste último da verdade. Um proponente dessa teologia argumenta: “A base para discernir o que é sexualmente certo ou errado é, provavelmente, mais uma questão de intenção e responsabilidade do que de qualquer outra coisa”.⁴⁴ Da mesma forma, Dallas cita uma pastora lésbica que se justificou da seguinte forma: “Para mim é inconcebível que Deus tenha criado alguém como eu, incapaz de mudar, para depois condenar essa pessoa ao infer-

⁴¹ PERRY. *Don't be afraid anymore*, p. 40.

⁴² GREENE-MCCREIGHT, Kathryn. The logic of the interpretation of Scripture and the church's debate over sexual ethics. In: BALCH, David L. (Org.). *Homosexuality, science, and the "plain sense" of Scripture*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000. p. 245.

⁴³ DALLAS. *A operação do erro*, p. 111.

⁴⁴ PHILLIPS, Tim. Why I don't believe Romans 1 is talking about homosexuality. *Gay Theological Journal*, set.-dez. 1997, p. 37.

no”.⁴⁵ Há também aqueles para quem a prática homossexual é validada pelo sentimento que eles têm da presença de Deus em sua vida.⁴⁶ Parece correto afirmar que os proponentes dessa teologia aceitaram primeiramente o homossexualismo, para depois o defenderem como biblicamente aceitável.

O subjetivismo dominante da hermenêutica homossexual pode produzir o bem-estar temporário dos seus adeptos, bem como certa confusão entre alguns cristãos. Sobre sua experiência passada em uma comunidade religiosa homossexual, Joe Dallas relata:

Nessa disposição mental escurecida, eu estava pronto para crer no que eu *queria* crer, e não no que eu cria *de verdade*. E o que eu queria crer, mais do que qualquer outra coisa, era que minha sexualidade e minha fé podiam conviver em paz. Ao visitar a igreja dos homossexuais, eu estava procurando algo que confirmasse essa crença.⁴⁷

Nem para Dallas nem para qualquer outra pessoa que procura alicerçar sua fé na verdade objetiva das Escrituras, a hermenêutica homossexual concede alívio seguro. Paul Morrison aponta para esse aspecto quando afirma:

Se eu fosse um homossexual cristão, acho que a pergunta que mais me perturbaria seria essa: “Será que estou tentando interpretar a Escritura à luz da minha inclinação? Ou será que eu deveria interpretar a minha inclinação à luz da Escritura?”⁴⁸

O que os proponentes da teologia *gay* certamente omitem em seu subjetivismo hermenêutico é a verdade bíblica de que “enganoso é o coração, mais do que todas as coisas [...]” (Jr 17.9).

II.II – CIENTIFICISMO

A hermenêutica dos teólogos progressistas do movimento homossexual é também caracterizada pelo cientificismo, ou seja, a elevação da ciência como tribunal absoluto da verdade. Dessa forma, os intérpretes do homossexualismo aplicam as teorias científicas e das ciências sociais como abordagens determinantes do significado textual da Bíblia. Esse cientificismo pode ser encontrado nos escritos de Troy Perry, que defende: “A informação científica, as alterações sociais e a experiência pessoal são as maiores for-

⁴⁵ Apud DALLAS. *A operação do erro*, p. 37.

⁴⁶ BIERY, Roger. *Understanding homosexuality: the pride and the prejudice*. Austin: Edward William Publishing, 1990. p. 138. Biery relata a experiência da pastora lésbica Sylvia Pennington.

⁴⁷ DALLAS. *A operação do erro*, p. 13.

⁴⁸ MORRISON, Paul. *Shadow of Sodom*. Wheaton: Tyndale House, 1978. p. 89.

ças de mudança na maneira pela qual interpretamos a Bíblia”.⁴⁹ Tal posição é guiada pelo equívoco de que o progresso da sociedade e a aceitação social do homossexualismo possam validar tal prática à luz das Escrituras Sagradas.

A hermenêutica cientificista do movimento homossexual apóia-se na pressuposição de que os escritores bíblicos desconheciam a complexidade da orientação homossexual e por isso a condenaram.⁵⁰ Essa alegada ignorância dos escritores bíblicos nessa área, deve-se ponderar, compromete a suficiência das Escrituras como um guia em questões sexuais. Dallas cita o exemplo de um pastor de uma denominação tradicional que expressou sua descrença na suficiência bíblica com respeito a esse assunto nas seguintes palavras: “Estamos pegando um livro antigo e aplicando-o ao mundo novo em que homens e mulheres homossexuais se encontram”.⁵¹ Além de atacar as doutrinas da autoridade, inspiração, inerrância e suficiência das Escrituras, tal postura canoniza a ciência como tribunal da crença.

A posição secundária das Escrituras na teologia *gay* é denunciada por Dallas: “Os líderes homossexuais cristãos são rápidos para dizer que crêem nela [a Bíblia], mas às vezes sua definição do que ela é pode ser perturbadora”.⁵² Finalmente, conclui-se que pode haver até *logia* (estudo) na teologia *gay*, mas certamente falta *Theos* (Deus).

II.III – ARBITRARIEDADE

Por arbitrariedade entendem-se as acusações que os teólogos pró-homossexuais fazem contra a hermenêutica tradicional. São acusações arbitrárias porque não apresentam justificativas concretas. Primeiramente, deve-se avaliar a acusação de que a interpretação tradicional é fruto do preconceito contra o homossexualismo. Nesse sentido, o que os pró-homossexuais omitem é que a suposta hermenêutica preconceituosa do cristianismo tradicional também acusa e condena os pecados dos heterossexuais. Semelhantemente, a acusação de erro na tradução dos textos que condenam o homossexualismo não faz sentido, pois por que haveria discrepâncias apenas nessas passagens? Como desafia Dallas, “é preciso fazer uma ginástica mental para aceitar esses argumentos e quem não tem motivos para aceitá-los dificilmente o fará”.⁵³

Outra forma de arbitrariedade dos intérpretes pró-homossexuais pode ser vista no argumento de que os escritores bíblicos foram culturalmente influenciados. Para os defensores do homossexualismo, os escritos de Paulo

⁴⁹ PERRY. *Don't be afraid anymore*, p. 339.

⁵⁰ BIERY. *Understanding homosexuality: the pride and the prejudice*, p. 146.

⁵¹ DALLAS. *A operação do erro*, p. 183.

⁵² Idem, *ibidem*, p. 106.

⁵³ DALLAS. *A operação do erro*, p. 110-111.

refletem o preconceito judaico de sua época. Aqueles escritos estavam presos ao contexto cultural em que o apóstolo se encontrava. Esse contexto é supostamente mais perceptível no caso das mulheres,⁵⁴ mas também deixa de fazer justiça aos homossexuais. O jesuíta John J. McNeill sentencia: “As Escrituras são ‘histórica e culturalmente limitadas’, de tal forma que alguém não pode meramente transportar o texto da Escritura para as circunstâncias contemporâneas da vida”.⁵⁵ Nessa trilha, outro proponente *gay* comenta: “A conclusão a que chego é inevitável: os julgamentos bíblicos contra o homossexualismo não são relevantes para o debate atual”.⁵⁶ Marti Nissinen também declara: “Os argumentos de Paulo são baseados em certos códigos helenistas e judaicos que são culturalmente específicos e que tiveram suas trajetórias e tradições próprias”.⁵⁷ As pressuposições envolvidas nesses argumentos levam à conclusão de que os escritores bíblicos nada sabiam sobre a “condição homossexual” pós-freudiana. Assim, eles teriam o conhecimento da prática, mas não poderiam compreender os sentimentos dominantes em um homossexual. A questão a ser levantada diz respeito às bases de tal argumento para que ele seja elevado ao nível de uma verdade absoluta.

Como foi mencionado acima, os escritores bíblicos condenaram não apenas o homossexualismo, mas também qualquer atividade sexual que transgrida a ordem estabelecida por Deus na criação. Como esclarece John R. W. Stott:

Desde que a ordem (monogamia heterossexual) foi estabelecida pela criação, não pela cultura, sua validade é permanente e universal. Não pode haver “liberação” das normas criadas por Deus; a verdadeira liberação somente é encontrada em sua aceitação.⁵⁸

Ironicamente, as acusações de preconceito cultural dos escritores bíblicos é que se revelam profundamente preconceituosas e arbitrárias diante de um exame detido.

Uma análise da hermenêutica homossexual à luz da obra *A exegese e suas falácias*,⁵⁹ de D. A. Carson, revela no mínimo três grandes erros. Primeiro, há a fraqueza metodológica na proposta de uma reconstrução

⁵⁴ HAMMOND, Ray. Paul’s use of ARSENOKOITHE in 1 Corinthians 6:9 and 1 Timothy 1:10. 2000. Dissertação (Mestrado, Th.M.) – Master’s Seminary, Sun Valey, California, p. 19.

⁵⁵ MCNEILL, John J. *The church and the homosexuals*. Kansas City: Sheed Andrew and McMeel, 1976. p. 37.

⁵⁶ SCROOGS. *The New Testament and the homosexuality*, p. 127.

⁵⁷ NISSINEN, Marti. *Homoeroticism in the biblical world*. Minneapolis: Fortress, 1998. p. 124.

⁵⁸ STOTT. *Grandes questões sobre o sexo*, p. 183-184.

⁵⁹ CARSON, D. A. *A exegese e suas falácias*. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 121.

histórica do contexto bíblico sem se apresentar evidência substancial para tanto. Essa suposta “reconstrução contextual livre” recebe severas críticas de estudiosos sérios. Segundo, há a falha referente à motivação. As explicações apresentadas baseiam-se mais em escolhas e preferências específicas do que em fatos. E, por último, há o equívoco resultante da falta de distanciamento no processo interpretativo. Nesse caso, os hermeneutas da teologia *gay* transferiram sua própria teologia para o texto bíblico a ponto de não poderem ler o texto sem seus pressupostos.

III – O ENSINO BÍBLICO SOBRE O HOMOSSEXUALISMO

Ao contrário do que os proponentes do movimento homossexual gostariam, a Bíblia possui um ensino claro e direto sobre o homossexualismo. Ela o apresenta não apenas como uma transgressão do padrão divino para a sexualidade humana, mas também como uma distorção da ordem divina para a prática sexual (Rm 1.26). Dizer apenas que o homossexualismo é produto da pecaminosidade humana é uma verdade, mas isso não o explica totalmente. Todos são pecadores, mas nem todos optam pela prática homossexual. À luz das Escrituras entende-se que o homossexualismo é uma manifestação pecaminosa daqueles que foram entregues por Deus às suas próprias paixões infames (Rm 26-27). Em outras palavras, Deus entregou alguns ao castigo dos seus próprios desejos.

Da mesma forma como as Escrituras condenam o homossexualismo, elas também o fazem com os pecados dos heterossexuais, tais como adultério (Ex 20.14), fornicção (Dt 22.23-30), bestialidade (Dt 27.21), incesto (Lv 20.11-12 e 20), prostituição (Gl 5.19) e outros. Uma melhor compreensão do ensino bíblico sobre a homossexualidade implica uma análise cuidadosa de textos diretamente relacionados ao assunto.

III.1 – O RELATO DA CRIAÇÃO

Primeiramente, a rejeição da homossexualidade pela Bíblia tem sua base no relato da criação em Gênesis 1-2. Segundo esse relato, Deus criou a humanidade com uma diferenciação sexual (homem e mulher) e com propósitos heterossexuais específicos que envolvem o casamento, a unidade sexual e a procriação. O casamento foi divinamente instituído como uma monogamia heterossexual que deve ser publicamente reconhecida (deixar os pais), permanentemente selada (ele se “unirá à sua esposa”) e fisicamente consumada (“uma só carne”). A homossexualidade distorce e desonra o padrão divino de unidade sexual.

A importância do relato da criação na discussão da sexualidade humana é ampliada por dois fatores. Primeiro, esse é um relato positivo do plano divino quanto ao procedimento sexual da raça humana. Segundo, esse relato possui uma abrangência cultural global e não se restringe ape-

nas ao povo de Israel. A criação da humanidade precede a formação e separação da nação de Israel com seus códigos éticos, sociais e espirituais. Ao criar a humanidade, Deus revelou-se como o Deus das nações e, portanto, o relato da criação não está nem temporal nem culturalmente limitado. Ele se aplica a todas as culturas e a todas as épocas. O processo de contextualização envolvido, então, é a “tradução do conteúdo imutável do evangelho do reino em uma forma verbal significativa aos povos em suas várias culturas e dentro de suas situações existenciais particulares”.⁶⁰

À luz da narrativa da criação, entende-se que uma série de práticas sexuais modernas é desaprovada, tais como: poligamia, poligamia em série por meio do divórcio, concubinatos temporários, bestialidade, fornicação, prostituição e, no caso em questão, o homossexualismo. Qualquer envolvimento sexual que se desvia da vontade revelada de Deus é pecaminoso e está sujeito ao julgamento divino. A Bíblia não divisa qualquer outro tipo de relacionamento sexual a não ser o da monogamia heterossexual.

O princípio heterossexual do casamento foi enfatizado pelo próprio Jesus ao advertir: “[...] desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher” (Mc 10.6). Jesus deixou claro que a única alternativa ao casamento heterossexual é o celibato, para o qual nem todos são aptos (Mt 19.11-12). Além do mais, na perspectiva bíblica, homens e mulheres não são produtos de uma evolução ao acaso em que nada é normativo e os indivíduos são livres para escolher sua própria moralidade. A humanidade não é produto de uma força impessoal, mas a criação do Deus vivo e sábio a quem todos devem prestar contas. Enquanto o evolucionismo é amoral e conduz à imoralidade, o criacionismo pressupõe moralidade.

Segundo a perspectiva criacionista, o homossexualismo contraria a própria sexualidade humana. Uma vez que a comunhão sexual íntima foi pretendida e ordenada por Deus somente para o homem com sua mulher, “o estilo de vida homossexual nega e desafia as polaridades do sexo de tal maneira que nem mesmo as transgressões heterossexuais, tais como fornicação e adultério, o conseguem”.⁶¹ Além do mais, como descreveu John R. W. Stott,

A relação heterossexual é muito mais do que uma união de corpos: é uma mistura de personalidades complementares, através da qual, no meio da alienação prevalecente, a unidade do ser humano criado com riqueza é novamente experimentada.⁶²

⁶⁰ NICHOLLS, Bruce. Theological education and evangelization. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *Let the earth hear his voice*. Minneapolis: World Wide Publications, 1975. p. 647.

⁶¹ ANKERBERG e WELDON. *Os fatos sobre a homossexualidade*, p. 56.

⁶² STOTT. *Grandes questões sobre sexo*, p. 179.

Assim, a relação heterossexual no matrimônio é mais do que uma união: é de fato uma “re-união”. É impossível que o homossexualismo promova essa reunião operando na mesma polaridade.

A não-naturalidade do homossexualismo é vista, também, no fato de que tal prática é incapaz de obedecer à ordem divina quanto à procriação. Se Deus houvesse criado Adão ou Eva homossexuais, não haveria a humanidade. Logo, é plausível a argumentação de que a imagem divina foi claramente distinguida na pessoa de um homem e de uma mulher. O homossexualismo não apenas rebela-se contra o padrão divino para a sexualidade, mas também distorce a maneira como a imagem de Deus foi comunicada à humanidade.⁶³

Finalmente, deve ser notado que, em todo o restante da Bíblia, o ensino sobre sexo está impregnado com as premissas dessa ordem do relato da criação. Nesse ensino, o assunto homossexualidade só se faz presente nas abordagens sobre reprovação e condenação das transgressões sexuais. A análise de alguns textos específicos ratifica essa conclusão.

III.II – SODOMA E GOMORRA (GÊNESIS 19.4-7; 2 PEDRO 2.7 E JUDAS 7)

Nos últimos anos, tem havido acirrada contenda em torno da conhecida narrativa bíblica sobre a destruição de Sodoma e Gomorra. Comentando essa história, Derek Kidner esclarece: “Neste ponto inicial da Escritura, o pecado de sodomia é estigmatizado como particularmente odioso”.⁶⁴ Certamente por isso, “defensores do estilo de vida *gay* transformaram esse capítulo de Gênesis [Gn 19] num campo de batalha, com a esperança de desarmar aqui a pressuposição universal de que Deus não vê com bons olhos o homossexualismo”.⁶⁵ A importância dessa história está em apontar que o termo “sodomia”, nas Escrituras e na cultura geral, tornou-se sinônimo de prática homossexual.

A interpretação cristã tradicional da destruição de Sodoma e Gomorra é a de que tais cidades foram destruídas por causa da maldade humana, incluindo a habitual prática homossexual revelada na intenção dos homens de Sodoma, que quiseram ter relações homossexuais com os anjos enviados por Deus para livrar Ló (Gn 19.4-5). Os teólogos do pró-homossexualismo, por sua vez, argumentam que Sodoma foi destruída por causa da falta de hospitalidade dos seus moradores e não pela prática homosse-

⁶³ ANKERBERG e WELDON. *Os fatos sobre a homossexualidade*, p. 58.

⁶⁴ KIDNER, Derek. *Gênesis: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1979. p. 124.

⁶⁵ PINTO e SAYÃO. *A questão do homossexualismo*, p. 46.

xual.⁶⁶ Como base bíblica para tal argumentação, o texto de Ezequiel 16.46 é citado: “Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e próspera tranqüilidade teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre e o necessitado”. Nesse caso, o pecado dos habitantes de Sodoma teria sido apenas o ato de invadir a privacidade do lar de Ló, escarnecendo assim das antigas regras de hospitalidade, pois os anjos se achavam sob a proteção do teto do mesmo (Gn 19.8). Os teólogos progressistas ainda argumentam que o contexto de Isaías 1.9-10 parece indicar que os pecados de Sodoma e Gomorra estavam mais relacionados à prática de injustiças, opressões, violências e erros cúlticos do que ao homossexualismo.⁶⁷

A proposta de releitura do episódio de Sodoma e Gomorra feita pelos expoentes do homossexualismo não é convincente por uma série de fatores. Primeiro, é bem verdade que, quando as duas cidades foram destruídas, o homossexualismo era apenas uma de suas depravações. Todavia, isso não valida a prática nem inocenta o pecado, pois este é sempre visto como uma depravação aos olhos de Deus (Lv 18.22). O texto de Ezequiel 16 deve ser lido à luz do seu contexto, e os versos 49-50 afirmam que os moradores de Sodoma fizeram “abominações” diante de Deus. Também, ao comparar os pecados dos israelitas com as transgressões de Sodoma e Gomorra, os textos de Isaías 1 e Jeremias 23 descrevem tais pecados como “impurezas” e “coisas horrendas”. Uma vez que esses termos são utilizados nas Escrituras com referência aos pecados sexuais, seria impróprio eliminar o homossexualismo da relação das transgressões de Sodoma e Gomorra.

Outro fator que aponta para a presença da prática do homossexualismo em Sodoma foi a resposta de Ló aos habitantes da cidade. Diante das exigências daqueles homens que queriam “abusar” dos visitantes celestiais, Ló ofereceu suas filhas para suavizar o apetite sexual da multidão (Gn 19.8). Ankerberg e Weldon defendem a hipótese de que, agindo assim, Ló “estava propondo uma desgraça menor (estupro heterossexual) no lugar de uma desgraça maior (estupro homossexual)”.⁶⁸ Há, inclusive, proponentes da teologia *gay* que, diante da resposta de Ló, estão prontos a admitir que parece haver alguma conotação sexual no episódio. Ló ainda afirma que suas filhas não tinham conhecimento sexual de homem algum, pois

⁶⁶ BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 1980. p. 93-94. Ver, também, BAILEY, D. Sherwin. *Homosexuality and the Western Christian tradition*. Londres: Longman, 1955.

⁶⁷ BAILEY. *Homosexuality and the Western Christian tradition*, p. 4.

⁶⁸ ANKERBERG e WELDON. *Os fatos sobre a homossexualidade*, p. 60.

eram virgens, e esse fato, ao ser contrastado com a exigência dos habitantes de Sodoma (“para que os conheçamos” ou “abusemos deles”), indica que a intenção daqueles homens era sexual, ou seja, homossexual.⁶⁹ Pode-se concluir, assim, que o homossexualismo de Sodoma e Gomorra foi certamente uma das causas do juízo de Deus sobre as cidades.

Finalmente, a narrativa de Gênesis sobre a destruição de Sodoma e Gomorra deve ser interpretada à luz das afirmações neotestamentárias de 2 Pe 2.6-7 e Judas 7. De acordo com Pedro e Judas, os pecados daquelas cidades foram muito mais sérios do que apenas “descortesia”, “falta de hospitalidade”, “orgulho” ou “injustiça social”. Pedro classifica tais pecados como “procedimento libertino” e define os habitantes daquelas duas cidades como “insubordinados”. Em outras palavras, eles tinham consciência do que era certo e, ainda assim, preferiram o caminho do erro. Michael Green defende a tese de que o paralelo entre os ímpios de Sodoma e os ímpios do tempo de Pedro é que em ambos os casos eles criam serem grandes demais para a idéia de Deus e, portanto, se entregavam às perversões.⁷⁰

Ao analisar o texto de Judas, observa-se que ele faz referência mais direta ainda ao homossexualismo de Sodoma e Gomorra. Judas compara o pecado dos moradores daquelas cidades com o dos anjos que não guardaram o estado original (v. 6). A conclusão lógica é que, assim como os anjos transgrediram o propósito divino em relação a eles, os habitantes de Sodoma e Gomorra também violaram a ordem de Deus referente à pureza sexual de uma maneira contrária à natureza humana. Judas ainda menciona que eles “seguiram após outra carne”. O termo aqui utilizado, segundo Green, é um composto raro, *ekporneuein*, cujo prefixo *ek* sugere “contra o curso da natureza”.⁷¹ Derek Kidner, por sua vez, afirma que “o termo ‘outra carne’ poderia significar atos sexuais não naturais entre homens ou até de seres humanos com animais”.⁷² John R. W. Stott também defende que esse texto é um reflexo claro de que a prática homossexual imperava em Sodoma e Gomorra.⁷³ Logo, pode-se concluir que a destruição de Sodoma e Gomorra foi o exemplo mais vívido do julgamento divino contra a homossexualidade no Antigo Testamento; um castigo com tanta abrangência que é mencionado ao longo das Escrituras;⁷⁴

⁶⁹ Para uma discussão mais ampla do assunto, ver a nota adicional de Kidner, *Gênesis*, 126-127.

⁷⁰ GREEN, Michael. *II Pedro e Judas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1983. p. 96.

⁷¹ GREEN, Michael. *II Pedro e Judas: introdução e comentário*, p. 159.

⁷² Apud ANKERBERG e WELDON. *Os fatos sobre a homossexualidade*, p. 61.

⁷³ STOTT. *Grandes questões sobre o sexo*, p. 167.

⁷⁴ Conferir Dt 29:23, 32.32; Is 1.9, 3.9, 13.19; Jr 23.14, 49.18, 50.40; Ez 16.46; Am 4.11; Mt 10.15, 11.24, 25.41; Lc 10.12, 17.29; 2 Pe 2.6; Ap 11.8 e 20.10.

um castigo com conseqüências eternas e um alerta divino para todos os homens com respeito à homossexualidade.

III.III – A LEI MOSAICA

As mais claras condenações do homossexualismo na lei mosaica encontram-se nos textos de Levítico 18.22 e 20.13, bem como na aplicação da lei feita por alguns reis de Judá no trato com alguns sodomitas. Nesses textos, o homossexualismo foi considerado uma das muitas práticas abomináveis que recebiam a pena capital. Vários homossexuais e simpatizantes, porém, argumentam que a proibição aqui é apenas da prostituição homossexual e não da prática do ato em si.⁷⁵ Em outras palavras, a transgressão seria mais litúrgica e cúltica do que moral. Boswell, por exemplo, insiste que o propósito do livro de Levítico é abordar imperfeições cerimoniais e não impurezas morais.⁷⁶

Primeiramente, deve-se notar que, quando Deus quis fazer referência à prostituição cultural nas Escrituras, ele o fez explicitamente, como em Deuteronômio 23.17-18 e 2 Reis 23.7. Assim, parece ser mais correto entender os textos de Levítico como uma condenação da homossexualidade, e não apenas uma proibição da profanação cúltica. Além do mais, o contexto das passagens aponta para pecados relacionados à moralidade, tais como adultério, incesto e, mais especificamente, o homossexualismo. O homossexualismo é ali definido como uma “abominação” aos olhos de Deus, ou seja, uma perversão da ordem natural das relações sexuais, o que é detestado pelo Senhor.

Comentando os textos de Levítico, Donald J. Wold conclui que as palavras usadas nesses versos evidenciam que “toda relação sexual envolvendo pessoas do mesmo gênero são categoricamente proibidas. O escritor bíblico não permite transigências. A linguagem é enfática”.⁷⁷ A prática homossexual presta-se à concupiscência apenas e não à procriação ou ao companheirismo ordenados por Deus na reunião monogâmica heterossexual.

Os textos bíblicos que descrevem as reformas religiosas de Asa (1 Re 15.12) e de Josias (2 Re 23.7) descrevem como a lei acerca dos sodomitas foi aplicada em seus reinados. Nesse período, os homossexuais não foram apedrejados, mas expulsos de Israel. Isso leva a crer que, embora a morte

⁷⁵ BIDDLE, Lindsay Louise. Deciphering the holiness code. *Gay Theological Journal* 1/1 set.-dez. 1997, p. 29; ver também PERRY. *Don't be afraid anymore*, p. 341.

⁷⁶ BOSWELL. *Christianity, social tolerance and homosexuality*, p. 101.

⁷⁷ WOLD, Donald J. *Out of order: homosexuality in the Bible and the Ancient Near East*. Grand Rapids: Baker, 1998. p. 119.

fosse a pena proposta, ela não era a única. Em alguns casos, aqueles reis que, no juízo do escritor bíblico, “fizeram bem aos olhos do Senhor”, aplicaram penas mais leves.⁷⁸ Mesmo assim, é importante perceber que quando o ensino da Palavra prevalece, a prática homossexual é rejeitada.

III.IV – O SUPOSTO SILÊNCIO DE JESUS

A proposta hermenêutica pró-homossexual defende a aprovação do homossexualismo com base no fato de que Jesus nunca o condenou abertamente.⁷⁹ Segundo esse argumento, a pregação de Jesus consistiu enfaticamente no amor, e é possível encontrar companheirismo e amor no relacionamento homossexual semelhante àqueles encontrados no casamento heterossexual.

Em resposta a tais argumentos, deve-se distinguir condenação aberta de condenação direta. Realmente Jesus nunca abordou abertamente o tema do homossexualismo, como também ele não o fez com uma série de outros assuntos. Todavia, Jesus condenou o homossexualismo diretamente ao insistir na singularidade do padrão divino, estabelecido desde a criação, como única condição válida para a prática dos atos sexuais (Mc 10.6-9). Ao discutir sobre o divórcio, Jesus apelou para a “intenção original” do Pai na criação (Mt 19.4-5) e deve-se fazer o mesmo ao abordar qualquer assunto relacionado à sexualidade humana, inclusive o homossexualismo. Jesus homologou o casamento heterossexual como padrão divino para comprometer e práticas sexuais (Mc 10.5-9). Logo, “o homossexualismo pode não ter sido mencionado por Jesus; muitas outras variações sexuais também não o foram. Mas ele não poderia ter enunciado com maior clareza o padrão para a expressão sexual: *homem e mulher*, unidos como Deus o planejou”.⁸⁰

Quanto à alegação de que a mensagem de Jesus constitui-se apenas do amor, não seria necessário muito esforço para desmascarar tal falácia. Basta uma leitura atenta dos evangelhos para evidenciar que grande parte da mensagem de Jesus consiste em condenação àqueles que rejeitam a verdade (por exemplo, Jo 3.19; Mc 9.43-47; 16.16). Além do mais, Jesus nunca apresentou o amor como um fim em si mesmo, diante do qual toda lei moral possa ser abolida. Ao contrário, “o amor necessita de lei para guiá-lo”.⁸¹ Por isso, Jesus ensinou: “Se guardardes os meus mandamentos,

⁷⁸ WILSON, Douglas. *Fidelity: what it means to be a one-woman man*. Idaho: Canon Press, 1999. p. 107.

⁷⁹ PERRY. *Don't be afraid anymore*, p. 40.

⁸⁰ DALLAS. *A operação do erro*, p. 167.

⁸¹ STOTT. *Grandes questões sobre o sexo*, p. 188.

permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (Jo 15.10). Paulo afirma que o amor é o cumprimento, não a anulação da lei (Rm 13.8-10). Portanto, a hermenêutica pró-homossexual nesse caso mostra-se, mais uma vez, superficial.

III.V – PAULO E OS HOMOSSEXUAIS

A interação do apóstolo Paulo com o tema do homossexualismo é especialmente encontrada em três textos de seus escritos: Romanos 1, 1 Coríntios 6 e 1 Timóteo 1. Desses três, o texto de Romanos 1.24-27, na interpretação de McNeil, oferece “o argumento mais forte do Novo Testamento contra a atividade homossexual como intrinsecamente imoral”.⁸²

Ainda que o significado do texto de Romanos 1 pareça claro ao cristianismo tradicional, os defensores da teologia homossexual argumentam que Paulo não estava ali repudiando o homossexualismo como um todo. O que ele condenava, segundo os intérpretes pró-homossexualismo, era a prática “não natural” de pessoas heterossexuais se envolverem em relacionamentos homossexuais.⁸³ Assim sendo, o pecado em questão seria mudar, ou rejeitar, o que é natural para cada indivíduo (partindo da pressuposição de que o homossexualismo é natural para alguns). Segundo essa interpretação, o homossexualismo não é pecado quando praticado por homossexuais de verdade.

Em primeiro lugar, o texto de Romanos 1 deveria ser considerado dentro do seu contexto. Esse contexto apresenta a auto-revelação de Deus de quatro maneiras: (1) a revelação de sua glória na criação, v. 19-20; (2) a revelação de sua ira contra aqueles que suprimem o conhecimento que têm do Criador, v. 18; (3) a revelação de sua justiça no evangelho, v. 17; e (4) a revelação do seu poder na salvação do pecador, v. 16.⁸⁴ Como resultado da rejeição humana da sua revelação, Deus exercita seu julgamento entregando alguns à prática da imoralidade. Assim, vemos uma estreita relação entre idolatria e imoralidade. Como afirma John R. W. Stott, “uma falsa imagem de Deus nos leva a um falso conceito quanto ao sexo”.⁸⁵

A afirmação de Paulo em Romanos 1 é que a ira de Deus se manifesta presentemente no fato de ele entregar alguns às imundícias que eles preferiram ao rejeitar a verdade revelada de Deus. Pode-se assim concluir que, “embora o derramamento de sua ira [de Deus], em toda a sua plenitude,

⁸² MCNEIL. *The church and the homosexuals*, p. 53.

⁸³ BOSWELL. *Christianity, social tolerance and homosexuality*, p. 109.

⁸⁴ STOTT, John R. W. *Romanos*. São Paulo: ABU, 2000. p. 74-75.

⁸⁵ Idem, *ibidem*, p. 83.

seja um problema do futuro ('escatológico'), o impenitente experimenta uma antecipação dessa ira já aqui e agora".⁸⁶ Essa verdade é ainda ilustrada na paráfrase que F. F. Bruce faz do pensamento de C. S. Lewis sobre o sofrimento. Segundo ele, "os ímpios gozam para sempre da horrível liberdade que sempre pediram e, portanto, estão escravizados por si mesmos".⁸⁷

Tendo lançado o fundamento contextual, a análise de Romanos 1.24-27 não oferece qualquer indício de que Paulo estivesse fazendo uma distinção entre "homossexuais de verdade" e "falsos homossexuais". Na perspectiva paulina, as práticas homossexuais não se derivam de um determinismo biológico, mas de uma apostasia do coração, ou seja, de uma rejeição consciente da verdade de Deus revelada (v. 21-24).

Em segundo lugar, o apóstolo Paulo não oferece qualquer sugestão de que o homossexualismo possa ser considerado "natural" para alguns. O que ele afirma é que, tanto para homens quanto para mulheres, o homossexualismo é biologicamente contrário à natureza originalmente estabelecida por Deus. Paulo afirma que a prática homossexual brota de paixões infames que inflamam a todos os que nela se envolvem. Além do mais, como diz Stott, "não temos o direito de interpretar o substantivo 'natureza' como 'minha natureza', ou o adjetivo 'natural' como 'o que me parece natural.' Pelo contrário, *physis* significa a ordem criada de Deus".⁸⁸ Assim, o "mudar o modo natural" das relações sexuais significa violar a ordem estabelecida por Deus na criação.

Em terceiro lugar, o comportamento homossexual é descrito por Paulo como autodestrutivo (v. 24-27), pois além de desonrar os seus praticantes, ainda os consome em sua sensualidade e prática de torpezas. Aqueles que o praticam receberão em si mesmos as penalidades do seu erro, pois o corpo é do Senhor. A ira de Deus, nesses casos, "não opera necessariamente pela sua intervenção, mas precisamente por sua não intervenção, deixando homens e mulheres seguirem o seu próprio caminho".⁸⁹

À luz de Romanos 1.24-27, entende-se que ainda que alguns vejam suas práticas homossexuais com naturalidade, isso não as sanciona. Mesmo que tais práticas sejam "naturalmente aceitas" por determinados segmentos da sociedade, elas continuam sendo ilícitas aos olhos de Deus. O pecado na Bíblia não é definido com base nas disposições ou capacidade dos seres humanos, mas no caráter santo de Deus (1 Jo 3.4).

⁸⁶ HENDRIKSEN, William. *Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 100.

⁸⁷ BRUCE, F. F. *Romanos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1979. p. 70.

⁸⁸ STOTT. *Romanos*, p. 85.

⁸⁹ ZIESLER, John. *Paul's letter to the Romans*. Londres: Trinity Press International, 1989. p. 75.

O segundo texto a ser considerado na abordagem de Paulo ao homossexualismo é 1 Coríntios 6.9-11. Como já foi visto, Paulo aqui distingue entre aqueles que assumem papéis passivos e ativos em uma relação homossexual. Paulo apela para o que era comumente conhecido entre os coríntios, ou seja, que, juntamente com outras transgressões, o homossexualismo é uma depravação que, deliberadamente praticada ao longo da vida, exclui seus praticantes do reino de Deus. É mister observar que Paulo não trata o homossexualismo à parte de outros pecados sexuais. Não há um pecado maior do que o outro aos olhos de Deus, nem um pecado que ele não possa perdoar (o pecado imperdoável é aquele que ele *decidiu* não perdoar). Assim como a prática homossexual mantém seus adeptos excluídos do reino de Deus, os outros pecados também o fazem.

A abordagem de Paulo sobre os praticantes do homossexualismo em 1 Coríntios 6 não finaliza com a condenação. No verso 11 ele introduz a revolucionária mensagem da graça, mostrando que aqueles que abraçaram o evangelho foram transformados. De modo contrário aos defensores do determinismo biológico, Paulo afirma que o homossexual pode mudar, pois alguns da igreja de Corinto haviam sido homossexuais e foram lavados, santificados e justificados em nome de Jesus. Ele não apenas menciona a possibilidade, como também descreve o agente de mudança, ou seja, o poder de Deus operando continuamente na vida do indivíduo. Paulo emprega a adversativa (*allá*, mas) três vezes “para salientar o contraste entre a vida antiga que levavam, e a experiência que tiveram em Cristo”,⁹⁰ como ensina Leon Morris. A nova vida em Cristo proporciona purificação (“fostes lavados”), capacitação (“fostes santificados”) e plena absolvição e aceitação (“fostes justificados”).

Finalmente, Paulo ainda menciona os sodomitas em 1 Timóteo 1.9-10. Ali ele os associa aos impuros, raptos de homens e perjuros, definindo-os como rebeldes à lei de Deus e opositores à sã doutrina. Parafraseando Paulo, Hendriksen alega: “A lei foi promulgada para os transgressores [...] com o fim de sacudi-los até o mais profundo âmago do seu ser, e espantá-los de qualquer autocomplacência que porventura restasse neles”.⁹¹ Paulo está condenando pecados que eram comuns no mundo não-cristão e que não deveriam fazer parte da experiência do povo de Deus. Mais adiante, no mesmo texto, ele anuncia a graça de Deus que veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais ele, Paulo, era o principal (v. 15). Em outras palavras, se Cristo pôde salvar Paulo, ele é poderoso para também salvar outros transgressores e rebeldes.

⁹⁰ MORRIS, Leon. *1 Coríntios: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986. p. 78.

⁹¹ HENDRIKSEN, William. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 88.

É importante observar que, na descrição que temos da Nova Jerusalém, no livro de Apocalipse, os impuros ficarão de fora. Embora a expressão “impureza” na Bíblia não se limite aos pecados sexuais, ela certamente os inclui. Nesse sentido, pode-se afirmar que as transgressões sexuais, e o homossexualismo entre elas, são bíblicamente vistas como pecados dos quais é preciso haver arrependimento e não apenas mudança de orientação. Com referência ao homossexualismo, o mesmo deve ser analisado por aquilo que Deus diz que ele é, ou seja, um pecado. A julgar pela forma como alguns proponentes da teologia homossexual têm torcido as Escrituras, a exortação de Paulo aos coríntios torna-se extremamente relevante: “Não vos enganéis” (1 Co 6.9).

IV – A RESPONSABILIDADE DA IGREJA

Uma reflexão cristã sobre a homossexualidade seria incompleta caso deixasse de considerar suas implicações para a igreja atual. Além do mais, a igreja é especialmente desafiada pelo surgimento e propagação de uma teologia que interpreta essa prática pecaminosa como um dom divino e que alega ser divinamente sancionado aquilo que as Escrituras consideram como abominação. Nesse contexto, é imprescindível que a igreja recupere sua visão moral, bem como sua perspectiva missionária. Sem esses elementos, David F. Wells entende que o cristianismo perderá sua virtude e a igreja não poderá oferecer o evangelho da salvação à sociedade pós-moderna.⁹²

As implicações dos avanços homossexuais para a igreja cristã são divididas aqui em dois aspectos: internos e externos. Considerando a abrangência do assunto e as especificidades dos variados contextos eclesiais, tal análise pode ser ampliada.

IV.1 – ASPECTO INTERNO

No que diz respeito ao seu ambiente interno, o avanço pró-homossexual desafia a igreja a pelo menos três exercícios específicos: penitência, prevenção e zelo. Cada um desses exercícios merece uma explicação própria.

Primeiramente, a realidade homossexual desafia a igreja à *penitência*, ou seja, ao arrependimento por qualquer atitude ou sentimento negativo em relação ao homossexual, como se ele fosse menos do que um ser humano. Ele é um ser criado à imagem de Deus e alguém a quem o evangelho deve ser anunciado. Devido a atitudes preconceituosas, a igreja tem sido muitas vezes acusada de homofobia (medo ou aversão a homossexuais). Don Williams classifica tais atitudes como um dos principais fatores responsá-

⁹² WELLS, David F. *Losing our virtue*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

veis pelo surgimento das igrejas *gays*, pois “a incapacidade da igreja em ministrar eficazmente aos homossexuais tem motivado o surgimento de aberrações como a Metropolitan Community Church, uma comunidade *gay*”.⁹³ Assim, o avanço da teologia pró-homossexual pode ser interpretado como uma consequência da omissão da igreja em ministrar o evangelho aos homossexuais.

Certamente nem todos os cristãos acusados de homofobia são homófobos. Nem todo sentimento negativo sobre a homossexualidade pode ser considerado fobia. Por outro lado, é verdade que muitas pessoas na igreja não estão preparadas para ministrar o evangelho aos homossexuais. Isso pode ter diferentes causas, inclusive a homofobia. Qualquer que seja a causa, porém, tal negligência dos cristãos quanto à sua responsabilidade evangelizadora exige arrependimento. O exercício da penitência também é devido no caso dos julgamentos infundados. A esse respeito, Esly R. Carvalho lembra que, “com a questão da Aids no Brasil, a qual, no início, atingia mais esta faixa da população, coisas terríveis foram ditas pelos cristãos, coisas das quais devemos nos arrepender”.⁹⁴ O surgimento de vários ministérios especializados na evangelização de homossexuais no evangelicalismo brasileiro traz, em si, a promessa de um cuidado maior da igreja nessas questões.

O segundo exercício interno da igreja diante do desafio do avanço da homossexualidade diz respeito à *prevenção*, ou seja, à tomada de medidas que visam equipar a igreja para responder, de forma prática, às propostas do homossexualismo, bem como evitar o avanço de tal prática em suas fileiras. Referindo-se mais especificamente ao Movimento *Gay* Cristão, Joe Dallas aconselha: “Se nossas igrejas querem opor-se ao Movimento *Gay* Cristão com eficiência, terão que fazer mais do que só argumentar contra ele. Terão de tornar-se lugares de refúgio para mulheres e homens que lutam com o homossexualismo”.⁹⁵ Esse processo de a igreja tornar-se lugar de refúgio contra a prática homossexual é precisamente o que deve ocorrer no exercício da prevenção.

Discorrendo sobre o exercício da prevenção, Carlos Pinto e Luiz Sayão sugerem quatro elementos básicos a serem observados.⁹⁶ Em primeiro lugar, o desenvolvimento de ministérios de famílias em igrejas locais. A

⁹³ WILLIAMS, Don. *The bond that breaks: will homosexuality split the church?* Los Angeles: BIM Inc., 1978. p. 124.

⁹⁴ CARVALHO, Esly R. A igreja: comunidade terapêutica. In: STEUERNAGEL, Valdir R. (Org.). *A missão da Igreja*. Belo Horizonte: Missão, 1994. p. 381.

⁹⁵ DALLAS. *A operação do erro*, p. 223.

⁹⁶ Ver PINTO e SAYÃO. A questão do homossexualismo, p. 67-68.

partir dos princípios bíblicos de que aquele que não tem cuidado de sua própria família tem negado a fé (1 Tm 5.8) e que ninguém pode ser espiritual e atuante na igreja sem cuidar bem da sua própria casa (1 Tm 3.5), é impossível minimizar a importância do relacionamento familiar no contexto cristão. Em segundo lugar, há necessidade de conscientização quanto aos riscos que envolvem o homossexualismo, bem como quanto aos variados estilos de vida que alimentam tal prática pecaminosa. Estudos e palestras podem ser benéficos, mas programas de discipulado são essenciais para que maridos e esposas, pais e filhos, não apenas professem, mas também vivenciem as verdades do evangelho. Tais programas visam evitar que os lares evangélicos sejam caracterizados pela fragmentação e desajustes que poderiam servir de combustível para uma orientação sexual homossexual.

Em terceiro lugar, deve-se acentuar o fato de que a masculinidade e a feminilidade são bênçãos divinas e que devem ser cultivadas. Certamente não recomendamos, aqui, nem o machismo nem o feminismo, mas a agradável expressão das diferenças genéticas, a fim de que a igreja não se torne palco dos “mais neutros”. Em quarto lugar, há o cuidado dos pais com os filhos. Nesse sentido, pais e mães devem ser continuamente exortados a ter uma concepção bíblica dos seus filhos como “herança do Senhor” (Sl 127.3) e não “empecilhos” às suas realizações pessoais.

Ampliando a lista sugerida por Carlos Pinto e Luiz Sayão, Joe Dallas relaciona algumas atividades que vão desde o conhecimento da posição oficial da denominação sobre a homossexualidade até o desenvolvimento de ministérios específicos para aconselhamento daqueles que lutam contra sentimentos homossexuais.⁹⁷ Certamente o contexto e a realidade da igreja local serão decisivos na priorização dessas sugestões.

Por último, a igreja também deve cultivar o *zelo* por sua moral interna, a fim de que suas virtudes não sejam perdidas e ela mantenha sua autoridade ao testemunhar aos homossexuais. Em outras palavras, a igreja deve resistir às forças do mundanismo dentro dos seus muros e entre os seus membros. O que é tolerado por cristãos hoje pode muito bem ser praticado por seus filhos amanhã. No entanto, há que se lembrar o fato de que o homossexualismo não é o único pecado a ser combatido. A despeito de assumir uma expressão antinatural, a prática homossexual não deve ser vista como um pecado maior do que qualquer outro. É elucidativo observar que, ao fazer referência aos excluídos do reino dos céus, Paulo menciona, juntamente com os sodomitas, os “maldizentes”, os “injustos”, os “ladrões”, os “adúlteros” e outros (1 Co 6.9-10). A mesma exclusão alcança

⁹⁷ DALLAS. *A operação do erro*, p. 220-222.

aqueles que têm um posicionamento contrário à sã doutrina em 1 Timóteo 1.8-10. Assim, o que mantém uma pessoa excluída do reino dos céus é a falta de conformidade com a lei de Deus, não importando que formato tal falta venha a assumir.

A Bíblia ensina que o julgamento deve sempre começar pela casa de Deus (1 Pe 4.17), pois “se julgássemos a nós mesmos não seríamos julgados” e “quando somos julgados pelo Senhor, somos corrigidos para não sermos condenados com o mundo” (1 Co 11.31-32). Dessa forma, a prática da disciplina interna deve ser, antes de tudo, movida pelo zelo pela santidade do Senhor, por meio de sua igreja. Nesse caso, fechar os olhos para a presença do erro dentro da igreja não é indicativo de tolerância nem de compaixão, mas de ofensa a Deus.

No exercício do zelo moral, é imprescindível que a igreja compreenda a importância e o propósito da disciplina interna. Não é honesto nem cristão condenar nos outros aquilo que a igreja recusa tratar internamente (Jo 8.1-11). Aquele que condena as próprias coisas que pratica é considerado indesculpável nas Escrituras (Rm 2.1). A disciplina pode assumir variados estágios e processos, indo desde a confrontação pessoal daqueles que lutam contra desejos homossexuais, à confissão e aconselhamento de outros, bem como a disciplina pública daqueles que sucumbem ao domínio de seus desejos carnis. Entretanto, a disciplina sempre visa a restauração do pecador, a desmotivação de outros para o pecado e a promoção da glória de Deus (1 Co 5.6-8).

Um exemplo recente de zelo pela virtude da igreja na questão do homossexualismo pode ser encontrado na posição do teólogo anglicano J. I. Packer, juntamente com outros ministros daquela denominação. Em junho de 2002, o Sínodo da Diocese Anglicana de Westminster autorizou seus bispos a realizarem cultos com a ministração de bênçãos às uniões homossexuais. Vários membros daquele sínodo se retiraram da reunião, inclusive Packer. Após ser argüido acerca de suas razões, Packer respondeu à comunidade cristã por meio de um artigo na revista *Christianity Today* com o seguinte subtítulo: “Algumas vezes, amar uma denominação exige que você lute”. A explicação de Packer pode ser resumida nos seguintes termos:

Por que eu saí com os demais? Porque essa decisão, dentro do seu contexto, falsifica o evangelho de Cristo, abandona a autoridade das Escrituras, coloca em risco a salvação de outros seres humanos e representa uma traição à igreja, no que diz respeito ao seu papel ordenado por Deus de ser a fortaleza e o baluarte da verdade divina.⁹⁸

⁹⁸ PACKER, J. I. Why I walked. *Christianity Today*, p. 46-47, jan. 2003.

A lição a ser aprendida é que, a fim de ser usada para reformar a cultura ao seu redor, a igreja deve manifestar uma vida transformada pelo evangelho da graça. Menos que isso seria trair a própria natureza da igreja.

Ao praticar a penitência, a prevenção e o zelo moral, a igreja estará cumprindo sua responsabilidade de ser “cheia de amor em meio a uma cultura que está morrendo”.⁹⁹ Tais princípios podem resultar não apenas na edificação de seus membros, como também na estruturação das bases para a recuperação dos homossexuais.¹⁰⁰

IV.II – ASPECTO EXTERNO

Além do cuidado interno, a igreja possui uma responsabilidade externa em relação à homossexualidade, que inclui sua atuação missiológica e apologética. A primeira diz respeito ao reconhecimento prático dos homossexuais como incluídos no alcance missionário da igreja. A segunda trata da necessidade que a igreja tem de assumir sua posição como coluna e baluarte da verdade no mundo.

A atuação missionária da igreja é claramente exemplificada no ministério terreno de Cristo. Ela foi comissionada por Jesus para estar no mundo a fim de exercer sua missão, assim como ele esteve no mundo (Jo 17.18). Primeiramente, Jesus esteve no mundo como um enviado do Pai (João 6.29). Logo, a missão da igreja implica uma condição de forasteira e embaixadora daquele que a comissionou. A natureza da igreja é missionária, pois ela foi enviada ao mundo com uma mensagem a ser entregue a todos os pecadores indistintamente (2 Co 5.20).

Em segundo lugar, Jesus esteve no mundo como alguém que não era do mundo. Embora ele tenha convivido com publicanos e pecadores, e até mesmo os recebido, esses mesmos pecadores estavam conscientes de que ele não era um deles (Mt 8.27). Os apóstolos também dão testemunho de sua pureza e impecabilidade (1 Pe 2.22 e 1 Jo 3.3). Logo, a atuação missionária da igreja implica zelo por sua integridade. A igreja não pode se envolver com os interesses do mundo nem se deixar seduzir pelo mundanismo (2 Tm 2.4). A igreja vive pela sua missão como o fogo vive pela combustão. Quando a igreja não cumpre seu chamado missionário, ela se torna campo missionário.

A evangelização de homossexuais geralmente parece mais árdua do que a de outros grupos. Ninguém tem sido capaz de apresentar soluções fáceis e instantâneas, pois não há “receitas prontas” nessa área. Indivíduos

⁹⁹ SCHAEFFER, Francis A. *The great evangelical disaster*. Westchester: Crossway Books, 1984. p. 160.

¹⁰⁰ CASTILHO. *Homossexualidade*, p. 69.

comprometidos com o homossexualismo geralmente são marcados por amarguras, iras e decepções profundas que precisam ser curadas pela graça de Deus. Esse processo de cura pode ser lento e, por vezes, marcado por inconstâncias comuns à luta contra o pecado arraigado. Dois princípios bíblicos, porém, podem alimentar a esperança daqueles que se ocupam com a evangelização de homossexuais: (1) a salvação é obra do Senhor (Sl 3.8 e Jn 2.9) e (2) o evangelho é o poder de Deus para a transformação e salvação do pecador (Rm 1.16 e 1 Co 6.11). Pessoas com experiência na evangelização de homossexuais têm testificado que a mudança é possível. Pesquisas ainda enfatizam que, “no caso daqueles que afirmam ter abandonado a homossexualidade devido ao seu encontro com Cristo, a mudança tem nome: conversão”.¹⁰¹ Nesses casos, as estratégias evangelísticas que contemplaram os princípios do discipulado, terapia e aconselhamento parecem mais eficazes do que as abordagens do evangelismo de massa.¹⁰²

Quanto à atuação apologética da igreja diante das conquistas do homossexualismo, esta deve concentrar-se especialmente em combater as inverdades que os defensores do movimento homossexual têm divulgado. Tais mentiras não apenas servem de combustível para aqueles que optaram pela operação do erro, como também para confundir o restante da sociedade e até mesmo alguns indivíduos da igreja cristã. Falsas assertivas nesse sentido podem assumir tanto o formato científico quanto o religioso e teológico. Em sua essência, porém, elas exigem não apenas compreensão, mas aceitação e aprovação daquilo que as Escrituras condenam. Nesse contexto, é mister que a igreja denuncie a mentira e assuma sua posição de baluarte da verdade revelada (1 Tm 3.15).

Discorrendo sobre as razões pelas quais a igreja deve assumir sua tarefa apologética contra a proposta de aprovação da homossexualidade, J. I. Packer cita três fatores básicos.¹⁰³ Primeiro, que tal parecer representa um desvio do evangelho e da crença da igreja ao longo da história. Como já foi observado, o argumento do movimento pró-homossexual contraria as doutrinas bíblicas, desde a ordem da criação até a inspiração da própria Escritura Sagrada. Segundo, a aceitação do homossexualismo implica destruição e eterna condenação do próximo, pois a igreja passaria a negar aos homossexuais a poderosa mensagem do evangelho, mediante a qual eles podem ser transformados e salvos. Tal atitude não seria sinônimo de tolerância, mas de descaso e de falta de amor pelos perdidos. Terceiro, a proposta dos defensores do homossexualismo implica o engodo de acreditar

¹⁰¹ NAVES, FERNANDES e STEFANO. *O arco-íris e a cruz*, p. 41-42.

¹⁰² Idem, p. 41.

¹⁰³ PACKER. *Why I walked*, p. 50.

que a aceitação do pecado pela sociedade equivale à sua homologação por parte de Deus. A homossexualidade deve ser vista como Deus a defina, ou seja, pecado. Nesse sentido, há alguns elementos de verdade na afirmação exagerada de Williams de que, “se a igreja simplesmente abençoar a homossexualidade, toda esperança de mudança em Cristo será destruída”.¹⁰⁴

Mesmo no combate ao erro, a igreja deve agir com sabedoria. A primeira coisa a ser evitada é a arrogância espiritual, pois os vários escândalos envolvendo líderes cristãos (amplamente divulgados pela mídia) deveriam servir ao menos para mostrar o quanto os cristãos estão sujeitos aos pecados sexuais. Também, é mister que os articuladores da verdade cristã evitem a ingenuidade e a ignorância dos fatos. Há que conhecer não apenas os argumentos dos militantes do movimento homossexual, mas também as respostas bíblicas com referência a tais argumentos. Por último, há que levar em consideração o conhecimento daqueles que têm tido longas experiências nesse ministério apologético. Joe Dallas, por exemplo,¹⁰⁵ adverte contra algumas atitudes prejudiciais na abordagem evangélica dos defensores do homossexualismo. Segundo ele, devem sempre ser evitados os ataques ao caráter do homossexual, pois tal atitude acaba por gerar simpatia pela posição homossexual. Em segundo lugar, ele recomenda que se evite focalizar estereótipos de homossexuais, bem como utilizar alguns extremistas homossexuais como representantes de todos eles. O problema com essa forma de abordagem é que, além de não corresponder à verdade, ela é manipuladora e desrespeitosa em relação à pessoa. Por último, Dallas desaconselha o uso de clichês, pois, além de serem irritantes, eles demonstram a fraqueza e o despreparo do articulador.

Ao discorrer sobre os princípios positivos em sua experiência de confronto com os defensores do homossexualismo, Dallas cita quatro itens, dentre os quais dois merecem destaque. Além de uma atitude de humildade em cada abordagem, Dallas afirma que os argumentos baseados em fatos comprováveis são sempre mais aceitos do que a alegação retórica. As afirmações comprováveis são sempre difíceis de ser combatidas ou rejeitadas. O autor insiste em que as abordagens mais eficazes são aquelas caracterizadas por flexibilidade ao se discutirem teorias, mas irreduzibilidade ao se discutirem os ensinamentos bíblicos. Se a primeira evidência abertura para o diálogo, a segunda evidencia firmeza na fé e na doutrina.

¹⁰⁴ WILLIAMS. *The bond that breaks: will homosexuality split the church?*, p. 128.

¹⁰⁵ DALLAS. *A operação do erro*, p. 227-231.

Em resumo, ao mesmo tempo que a igreja deve amar o homossexual, apresentando-lhe a mensagem do evangelho e acolhendo os convertidos como membros do Corpo de Cristo, deve permanecer irredutível em sua defesa da verdade bíblica. Dessa forma, ela estará exercendo sua tarefa missionária e apologética.

CONCLUSÃO

James R. Beck argumenta que o homossexualismo tornou-se o assunto eclesialístico dos anos 1990.¹⁰⁶ Observações quanto às últimas conquistas do movimento pró-homossexual apontam para a verdade de que esse tema continua exigindo a atenção e a resposta da igreja neste início do século 21. A ascendência do homossexualismo questiona a definição familiar, lança os jovens em grande confusão e abre as portas para outros desvios morais. O *lobby* homossexual possui um forte elemento político e social, que foi adquirido mediante os espaços ocupados pelos movimentos dos direitos civis, de igualdade e emancipação das minorias, das paradas *gays* e especialmente da mídia.¹⁰⁷ Há também o poder religioso, mediante o qual liberais de todas as religiões tornam-se os mais fortes defensores da “libertação *gay*” dentro dos círculos religiosos, inclusive evangélicos. Esses fatores apresentam um desafio direto à igreja cristã no que diz respeito a suas crenças, suas virtudes morais e sua missão.

O presente artigo teve em vista proporcionar uma melhor compreensão das alegações feitas pelos defensores da homossexualidade (especialmente aquelas apresentadas como embasadas nas Escrituras), uma refutação de tais argumentos à luz de uma hermenêutica objetiva e uma reflexão das implicações desse movimento para a igreja cristã. Segundo essa análise, pode-se concluir que as conquistas do movimento pró-homossexual nos últimos anos exigem da igreja um equilíbrio bíblico entre o amor e a verdade. Amor para com o pecador e, no caso em questão, para com um tipo específico de pecador, o pecador homossexual. Amor também para com as Escrituras e pelo zelo com a honra de Deus, a fim de que sua igreja não venda seu direito de primogenitura pelo prato de lentilhas da acomodação com o mundo ao seu redor. Todavia, é mister que haja também apego à verdade, a fim de que a operação do erro seja denunciada e a teologia pró-homossexual seja firmemente combatida. Enfim, a igreja precisa ter sólida convicção ao lado de profunda compaixão.

¹⁰⁶ BECK, James R. Evangelicals, homosexuality, and social science. *Journal of the Evangelical Theological Society* 40, mar. 1997, p. 83.

¹⁰⁷ No Brasil, encontramos um exemplo desse *lobby* no Projeto de Lei (PL) nº 1151/1995, de autoria da então Deputada Federal Marta Suplicy, que já ocupou várias vezes a pauta das discussões do Congresso Federal. Esse projeto prevê a regulamentação da união civil de pessoas do mesmo sexo.

ENGLISH ABSTRACT

Among the moral challenges to be dealt with by the Christian church at the beginning of the 21st century, the issue of homosexuality has demanded an urgent response. Homosexual spokespersons have not only advocated social tolerance, but also complete approval for this kind of behavior. Some have even resorted to a re-interpretation of Scripture and the claim of cultural bias on the part of the biblical writers in order to find a religious backing for their position. The evangelical church must take a courageous, intelligent, and biblical stand regarding this vital moral subject.

The present article provides a Christian reflection on homosexuality taking into consideration its complexity and the biblical doctrine of the *imago Dei*. The author analyzes some aspects of the homosexual hermeneutic and finds it to be grounded upon subjectivism, scientism, and arbitrariness. From a review of biblical passages dealing with homosexuality, the author concludes that it must be acknowledged as God defines it, that is, as a sinful behavior.

The article also addresses the responsibility of the Christian church before this permissive culture. According to Scripture, it is crucial that the church recover its moral integrity and missionary vision. The church should also endeavor to develop programs and strategies in order to strengthen the family bonds and to proclaim the good news of salvation to the lost.

KEYWORDS

Theology; Homosexuality; Family; Culture; Missionary vision.